

# Revista Brasileira de Letras, Linguística e Artes

## UM CONVITE À LEITURA DE MAYOMBE, ROMANCE ANGOLANO, EM SALA DE AULA

*Débora Cristina Longo Andrade*  
Universidade Presbiteriana Mackenzie  
São Paulo, SP  
<http://lattes.cnpq.br/1649814261787989>

Data de aceite: 30/07/2025  
Data de submissão: 29/07/2025

Todo o conteúdo desta revista está  
licenciado sob a Licença Creative  
Commons Atribuição 4.0 Interna-  
cional (CC BY 4.0).



**RESUMO:** Levando-se em conta a importância de reconstruir uma imagem positiva, de reconhecimento e de valorização da história, cultura e identidade de descendentes dos povos africanos, além de procurar combater uma postura discriminatória e racista que particularmente ainda atinge os negros no Brasil, procuramos, nesse trabalho, dirigir o nosso olhar para o romance *Mayombe*, do escritor angolano Pepetela, a fim de oferecer uma visão mais completa e, ao mesmo tempo, mais profunda dos temas e motivos literários representados nessa obra, tanto significativa para os contextos curriculares escolares quanto relevante para a formação de professores e alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura africana. Mayombe. Pepetela.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendemos esboçar algumas reflexões acerca da Lei 10.639, sancionada em 2003, que torna obrigatório o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no currículo da Educação Básica, tendo por objetivo corrigir os efeitos devastadores da discriminação e racismo no Brasil, bem como resgatar o legado da cultura afrodescendente na formação da sociedade brasileira. Há várias maneiras de se alcançar essa meta. E a Literatura pode ser um caminho promissor.

Desse modo, procuramos apresentar a produção literária lusófona, *Mayombe*, obra do escritor angolano Pepetela, que, apesar de ser um romance, é também tomado como um documento histórico-social, visto que o autor se serve da literatura para falar sobre a experiência vivida no movimento de luta pela libertação de Angola sob o domínio português, proporcionando ao leitor a abertura de inferências sobre a situação histórica e cultural de seu país naquele contexto.

Realizamos, ainda, um percurso pela biografia de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos – Pepetela – que, de certo modo, ilu-

mina a análise do romance em questão, bem como voltamos o nosso olhar para *Mayombe*, no sentido de oferecer uma visão mais completa e, ao mesmo tempo, mais profunda dos temas e motivos literários retratados nessa obra, tanto representativa para os contextos curriculares escolares quanto importante para a formação de professores e alunos, uma vez que a presença da literatura africana em língua portuguesa na sala de aula “pode vir a ser um dos caminhos importantes para o Brasil recuperar seus laços com as culturas africanas e compreender mais profundamente suas próprias raízes” (FARACO, 2003, p. 546).

## LEI 10.639/03

Levando-se em conta que o Brasil tem historicamente uma postura discriminatória e racista que atinge a população afrodescendente, o governo federal sancionou, em março de 2003, a Lei 10.639, que altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e institui a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa decisão procura resgatar a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira.

Ainda, em 21 de março do mesmo ano, uma secretaria voltada para a questão étnico-racial, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), foi criada com o objetivo, na medida do possível, de corrigir os efeitos cruéis da escravidão, discriminação e racismo no Brasil, de modo a promover uma alteração positiva na realidade vivenciada pela população negra, como também uma condição mais democrática, igualitária e justa.

Esse dispositivo legal aponta para a necessidade da divulgação e valorização do legado cultural africano e afro-brasileiro, pois além de ampliar o pouco conhecimento que temos acerca dessa cultura, leva-nos a ter um novo olhar sobre a história africana e suas possíveis relações com o percurso histórico brasileiro, já que:

Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil – a sombra, ou pelo menos a pinta do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro. A influência direta ou vaga e remota, do africano (FREYRE, 1978, p. 283).

Desse modo, entendemos que a inclusão desse tema nos currículos escolares possibilita a reconstrução de uma imagem positiva, de reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos africanos, que marcam a formação do povo brasileiro, além do combate ao racismo e discriminações que atingem particularmente os negros no Brasil.

Ademais, essa medida visa reparar políticas explícitas de branqueamento da população, como manutenção de privilégios para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas no pós-abolição. Por esse e outros motivos, surgiu a necessidade de o negro lutar contra uma imagem estereotipada que fazia dele um indivíduo pertencente a uma raça inferior e que reforçava a ideologia de superioridade do homem branco. Essas considerações encontram reforço nas palavras de Munanga (1999, p. 16):

Apesar de ter fracassado o processo de branqueamento físico da sociedade, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no consciente coletivo brasileiro, rodando sempre nas cabeças de negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca de identidade baseada na “negritude” e na “mestiçagem”, já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por julgarem superior.

No intuito de desconstruir esse mito, nada mais justo do que reconhecer e valorizar a diversidade que distingue os negros de outros grupos que compõem a população brasileira. Isso requer mudanças de discurso, valores, pontos de vista que os desqualificam, atitudes que expressam sentimentos de superioridade,

bem como ideologias, desigualdades e estereótipos racistas, próprios de uma sociedade injusta e desigual.

Nesse sentido, a escola tem papel preponderante no combate às desigualdades étnico-raciais. “Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos” (MEC, 2004, p. 14).

E há várias maneiras de se alcançar esse objetivo. A Literatura pode ser um caminho promissor, visto que serve de instrumento para o desenvolvimento do senso-crítico, da autonomia, do conhecimento de outros contextos e realidades, necessários para o processo de humanização de professores e alunos, conforme nos aponta Candido (1995, p. 249):

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a cota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Assim, o ensino da Literatura lusófona – em particular da produção literária africana – precisa ocupar um espaço importante no cenário escolar, de modo que procure desenvolver um olhar dialético entre o intrinsecamente linguístico e literário e as dimensões subjetivas e histórico-sociais dos povos africanos. As palavras de Silva (2012, p. 128, grifos do autor) vêm corroborar essa afirmação:

Estudar as literaturas africanas de língua portuguesa teve e tem, assim, um significado especial tanto para os pesquisadores/estudantes como para os professores que estão dia a dia diante do grande desafio de educar, promover cidadania e “desbarbarizar” [...] a sociedade, já que tal estudo permitiu

a ampliação e aprofundamento da compreensão “daquela” história e de “nossa” própria história, fornecendo subsídios valiosos para uma reflexão acerca dos fatos que marcam a identidade cultural do país e, que, portanto, devem ser implementadas não apenas por haver uma lei, mas, porque, se faz necessário um novo discurso ação que supere a hipocrisia e a ideologia da separação pelo véu. Aquela a que se referiu W.E.B. Du Bois, que separava (ou separa?) dois mundos, o dos negros e os dos não negros [...].

Diante de todas essas considerações, nosso interesse, neste trabalho, é o de fazer um breve percurso sobre a biografia do autor que, de certa forma, ilumina a análise do romance em questão, bem como de oferecer uma visão mais completa e, ao mesmo tempo, mais profunda dos temas e motivos literários representados nessa obra, tanto significativa para os contextos curriculares escolares quanto relevante para a formação de professores e alunos.

## PEPETELA

Pepetela – pseudônimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos – nasceu em 29 de outubro de 1941, na região litorânea de Angola, em Benguela. Descendente de portugueses brancos, cursa o Primário e parte do Secundário, em sua terra natal e Lubango, onde permanece até 1958. Nos anos sessenta, estuda em Lisboa, onde frequenta o Instituto Superior Técnico, tendo participado, nessa altura, de atividades políticas e literárias na Casa dos Estudantes do Império (CEI), ponto de encontro para a intelectualidade da diáspora.<sup>1</sup>

Participante da discussão anticolonial, parte de Portugal, em 1962, para o exílio na França, seguindo, posteriormente, para a Argélia, já independente, licenciando-se em Sociologia na Universidade de Argel e, associado a outros autores igualmente militantes, escreveu *História de Angola*, financiada pelo Centro de

Estudos Angolanos, ligado ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

Militante do MPLA e integrado na luta colonial, parte, em 1969, para a região de Cabinda, ao norte de Angola, participando precisamente na guerrilha da Frente de combate da Guerra Colonial Portuguesa, ou Guerra da Libertação (designação mais utilizada pelos africanos) – período de confrontos entre as Forças Armadas Portuguesas e as forças organizadas pelos movimentos de libertação das antigas províncias ultramarinas de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. Assume a função de Secretário Permanente de Educação. Em 1972, é transferido para a Frente Leste de combate, em 1974, fazendo parte da primeira delegação do Movimento em Luanda. Adota o nome de guerra de Pepetela, que significa “Pestana” na língua umbundo, e que mais tarde viria a utilizar como pseudônimo literário.

Após a tão desejada libertação de seu país, o romancista retorna, em 1975, para sua terra natal, e torna-se membro do primeiro governo independente de Angola, ocupando o cargo de Vice-Ministro da Educação, sob a liderança do Presidente Agostinho Neto. Ao fim de seis anos, afasta-se da vida político-partidária para se dedicar à literatura e à atividade de professor de sociologia no Curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Agostinho Neto, em Angola (MARCON, 2005). Tem sido dirigente de associações culturais, com destaque para a Chá de Caxinde e União dos Escritores Angolanos (UEA).

Grande parte de sua obra literária foi publicada após a independência de Angola, sendo que o primeiro romance de Pepetela, *As Aventuras de Ngunga*, foi escrito enquanto o autor lutava contra os portugueses na Frente Leste. Na verdade, tratava-se de um conjunto de textos didáticos que viraram romance<sup>2</sup>. Publicado em 1973, essa obra introduz o leitor aos costumes, à geografia e à psicologia de

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.ueangola.com/bio-quem/item/53-pepetela>>. Acesso em 23 mai. 2019.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://ensina.rtp.pt/artigo/pepetela-o-guerrilheiro-escritor/>>. Acesso em 26 mai. 2019.

Angola. *Muana Puó* [1978] e *Mayombe* [1980] também foram escritos durante a guerra colonial e publicados após a independência de Angola, com o MPLA à frente.

A produção literária de Pepetela tem relação direta com os acontecimentos históricos e concepções da época em que viveu, tais como a diáspora, que corresponde à vida distante de sua terra natal. Assim, pensar a literatura desse escritor demanda que se tenham em mente os objetivos que a orientou: o engajamento e a denúncia social, além do compromisso com a identidade e construção de uma nação livre e igualitária. Seus romances são fundamentais para “compreender Angola no processo”<sup>3</sup>, seja antes ou depois da independência.

De acordo com Marcon (2005, p. 14), “seus livros são reconhecidos nacionalmente e internacionalmente pela crítica, possuem várias edições dentro e fora de Angola e foram traduzidos em vários idiomas”. Suas principais obras são *As aventuras de Ngunga* [1973], *Muana Puó* [1978], *Mayombe* [1980], *Yaka* [1985], *A Geração da Utopia* [1992], *Jaime Bunda, agente secreto* [2001], *O Planalto e a Estepe* [2009], *A Sul. O Sobreiro* [2011], entre outras.

Pepetela atinge o auge de sua carreira literária em 1997, quando conquista o Prêmio Camões, um dos mais renomados e desejados por escritores que professam a língua portuguesa, pela totalidade de sua produção. Antes, porém, já recebera o Prêmio Nacional de Literatura de Angola pela obra *Mayombe*. Este reconhecimento o consagra como um nome expressivo da literatura contemporânea do idioma português. Além destes prêmios, o escritor ainda foi contemplado com o Prêmio Nacional de Literatura (1985), pelo livro *Yaka*; Prêmio Especial dos Críticos de São Paulo (1993 – Brasil), pela obra *A geração da Utopia* e Prêmio Prinz Claus (1999), pelo conjunto da sua obra<sup>4</sup>.

A atribuição do Prêmio Camões confirma o seu lugar de destaque no espaço lusófono, sendo um dos principais nomes da literatura de Angola no período posterior ao da independência, bem como da língua portuguesa no mundo, visto que sua produção literária “redime a literatura angolana da condição de literatura periférica e colonial para alcá-la à de expressão artística de valor universal” (SILVA, 2010, p. 14).

Isto posto, passamos, a seguir, à análise da obra *Mayombe*.

## MAYOMBE

Publicado em 1980, em Angola, e, em 1982, no Brasil, *Mayombe* é uma obra ficcional, que trata exatamente do contexto imediato que o país vivia, guiando o leitor entre as tensões e angústias vivenciadas pelos combatentes do MPLA, os quais lutam no interior da densa floresta tropical, confrontando-se com as tropas portuguesas, durante a guerra colonial, ocorrida entre os anos de 1961 a 1974.

Segundo Pepetela, *Mayombe* era para ser “relatos”<sup>5</sup> de guerra, já que, na época, ele colaborava com o serviço de informação de um programa de rádio do MPLA, chamado *Angola combatente*. Posteriormente, os relatórios transformaram-se em um romance.

O Mayombe começou com um comunicado de guerra que fiz para a rádio. Achei-o tão interessante que o continuei, já com personagens. Tirei a primeira página, que enviei para a informação, e depois continuei. Na fronteira tinha mais disponibilidade, podia escrever de dia. Dizia aos meus companheiros: estou a escrever para perceber o que estou a fazer, estou em busca da realidade (PEPETELA, 2011).<sup>6</sup>

Na verdade, a escrita era um exercício para o autor pensar acerca das situações vivenciadas durante a guerrilha. As palavras de Pepetela (2003) vêm ratificar o contexto de produção da obra:

<sup>3</sup> Entrevista concedida por Pepetela a Frank Nilton Marcon. In: Marcon, 2005, p. 26.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.ueangola.com/bio-quem/item/53-pepetela>>. Acesso em 27 mai. 2019.

<sup>5</sup> Entrevista concedida por Pepetela a Frank Nilton Marcon. In: Marcon, 2005, p. 22.

<sup>6</sup> Entrevista concedida por Pepetela a Rita Silva Freire. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/nao-se-festeja-a-morte-de-ninguem-entrevisa-a-pepetela>>. Acesso em 28 mai. 2019.

Aí fizemos a operação com a qual começa o Mayombe, esta operação no rio.... Então, quando terminamos a operação eu escrevi o comunicado de guerra e disse epa, passou-se tantas emoções, tantos pensamentos, tantas coisas bonitas e más e isto fica numa fria página de relatório, isto é muito triste... Eu tirei a primeira página, enviei para a informação e comecei a escrever a operação como eu a vi. E aí nasceu Mayombe. Todas as noites eu ia escrevendo, escrevendo... É uma crônica romanceada, em que um momento dado as pessoas ganharam consistência, a história começa a encorpar-se e o resto não aconteceu mesmo, já é ficção pura. Ficção pura com muitos dados daquilo que eu ia apreendendo. Aquela discussão toda, do tribalismo, era coisas que se passavam, que no livro talvez estejam um pouco exageradas, mas eu escrevia para apreender. Eu não estava escrevendo algo para ser publicado, era para mim. Eu escrevia para apreender. Para saber atuar perante as questões que enfrentaria no dia-a-dia. Foi um bocado isto. Houve um boato de corrupção dentro do MPLA e eu queria entender como as coisas aconteciam de um lado e de outro, como as pessoas se moviam, etc, como é que apareciam as pessoas. Mas, não tinha a intenção... É engraçado, mas não nasceu como romance. Acaba sendo um grande romance, talvez por isto. Por não ter a pretensão (PEPETELA, 2003)<sup>7</sup>.

Como vimos, alguns relatos mesmo fictionais, são fiéis, principalmente, acerca de Mayombe, floresta tropical, a qual Pepetela conhecia muito por sua estada na região como membro dos quadros administrativos do MPLA, nos anos 70 do século XX. Trata-se, portanto, de uma descrição verossímil da guerra e da floresta de Cabinda. No romance, Mayombe acolhe os guerrilheiros como uma mãe carinhosa:

O Mayombe tinha aceitado os golpes dos machados, que nele abriram uma clareira. Clareira invisível do alto, dos aviões que esquadriňhavam a mata, tentando localizar nele a presença dos guerrilheiros. As casas

tinham sido levantadas nessa clareira e as árvores, alegremente, formaram uma abóbada de ramos e folhas para as encobrir. Os paus serviram para as paredes. O capim do teto foi transportado de longe, de perto do Lombe. Um montículo foi lateralmente escavado e tornou-se forno para o pão. Os paus mortos das paredes criaram raízes e agarraram-se à terra e as cabanas tornaram-se fortalezas. E os homens, vestidos de verde, tornaram-se verdes como as folhas e castanhos como os troncos colossais. A folhagem da abóbada não deixava penetrar o Sol e o capim não cresceu em baixo, no terreiro limpo que ligava as casas. Ligava, não: separava com amarelo, pois a ligação era feita pelo verde.

Assim foi parida pelo Mayombe a base guerrilheira (PEPETELA, 2013, p. 67).

Essa obra ainda “retrata a luta por meio de personagens que vivem a problemática dos valores e contradições do momento político em questão” (SERRANO, 1999, p. 133). Personagens que vão se constituindo por meio de seus posicionamentos e vozes, tocando em temas delicados e, naquele contexto, não resolvidos, como as concepções sobre *identidade, tribalismo, ideologia política, dicotomia intelectual, corrupção, colonialismo, o lugar social da mulher*, entre outros assuntos que os cercam. Eles falam de suas peculiaridades, isto é, de suas origens, angústias, expectativas e motivações sobre a guerra.

Singulares, com uma carga de significado e psiquismo consideráveis, os membros do grupo são marcados pela diversidade e contraste, no entanto, vão tentar estabelecer a *unidade* por uma causa coletiva. Segundo Serrano (1999, p. 135), os personagens, com diferentes formações, etnias e experiências estariam a serviço de um mesmo objetivo: a luta e a libertação. Assim, procuram “transpor esses obstáculos a fim de se obter uma união que leve à luta maior de libertação do todo, momento em que um sentimento nacionalista os motiva ao combate frente a um inimigo comum”.

<sup>7</sup> Entrevista concedida por Pepetela a Frank Nilton Marcon. In: Marcon, 2005, p. 257.

Os meus guerrilheiros não são um grupo de homens manejados para destruir o inimigo, mas um conjunto de seres diferentes, individuais, cada um com as suas razões subjetivas de lutar e que, aliás, se comportam como tal (PEPETELA, 2013, p. 228).

Protagonistas, antagonistas e mesmo co-adjuvantes, o mosaico de personagens constitui-se por alguns membros como *Sem Medo*; *Verdade*; *Ingratidão do Tuga*; *Pangu-A-Kitina*; *Vewê*; *Ondina* e *Ekuikui*. O *Comandante Sem Medo* é o personagem de maior força na narrativa. *Teoria*; *Milagre*; *Mundo Novo*; *Muatiânvua*; *André*; *Chefe do Depósito*; *Chefe de Operações*; *Lutamos* e o *Comissário Político* são narradores temporários da história e apresentam-se por meio de um bloco textual demarcado claramente do restante pelo itálico, cujo título é sempre “*EU, O NARRADOR, SOU...*”, acrescido com o nome da personagem ou alguma função que exerce na Base. Vejamos:

*EU, O NARRADOR, SOU MUATIÂNVUA*

[...]

*De que tribo?, pergunto eu. De que tribo, se eu sou de todas as tribos, não só de Angola, como de África? Não falo eu o swahili, não aprendi eu o haussa com um nigeriano? Qual é a minha língua, eu, que não dizia uma frase sem empregar palavras de línguas diferentes? E agora, que utilizo para falar com os camaradas, para deles ser compreendido? O português. A que tribo angolana pertence a língua portuguesa?*

*Eu sou o que é posto de lado, porque não seguiu o sangue da mãe quimbundo ou o sangue do pai umbundo. Também Sem Medo, também Teoria, também o Comissário, e tantos outros mais (PEPETELA, 2013, p. 121).*

Utilizando-se dessa estratégia, a saber, de diversos narradores, Pepetela dá ao romance um caráter extremamente polifônico, pois as vozes são independentes umas das outras.

Mayombe é dividido em cinco capítulos. São eles: *A Missão*; *A Base*; *Ondina*; *A surucucu*; *A amoreira*, mais o *Epílogo*. Resumida-

mente, o primeiro capítulo retrata Mayombe, a floresta que abriga os guerrilheiros do MPLA e a missão que eles teriam naquele contexto histórico de luta pela libertação de Angola. Segundo Silva e Mattos (2015), *A Missão* estaria relacionada à necessidade de conscientização acerca do inimigo (colonizador português) e a necessária superação das diferenças entre os grupos étnicos, a fim de que os atos revolucionários alcançassem resultados positivos.

Em *A Base*, são retratadas as dificuldades no acampamento, por exemplo, a fome e a falta de recursos e pessoal. A narrativa ainda encaminha o leitor para a perspectiva de que a base da luta e do projeto da futura nação seria estabelecida por uma profunda ligação entre o homem, o espaço e o viés político, estritamente relacionado às teorias marxistas.

O terceiro capítulo trata principalmente a questão da traição, que é do plano tribal. Ondina, noiva do Comissário (kimbundo) o trai com André (kikongo), revelando a liberdade sexual que se manifesta nela. Além disso, presenciam-se embates e rupturas entre os combatentes, fundamentais para que as personagens cresçam, pois é por meio desses entraves que elas se superam.

No capítulo seguinte, corre a notícia de suposto ataque à base pelos *tugas* (modo depreciativo de se tratar os portugueses), no entanto tratava-se da invasão de uma cobra no acampamento e não de uma ação de guerra. Disso decorre um despertar para a luta.

O quinto capítulo retrata a estratégia de ataque às tropas portuguesas, na qual *Sem Medo* e *Lutamos* são abatidos. A morte das personagens representa uma quebra no preconceito tribal. “*Lutamos, que era cabinda, morreu para salvar um quimbundo. Sem Medo, que era kikongo, morreu para salvar um quimbundo. É uma grande lição para nós, camaradas*” (PEPETELA, 2013, p. 244).

O *Epílogo* apresenta o relato do Comissário, que associa a morte de Sem Medo a uma metamorfose, a uma espécie de troca de pele,

em que passa de *miúdo* a homem, seguindo, assim, seu rumo na luta, tendo como exemplo o seu tutor, o *Comandante Sem Medo*. Essa personagem fecha o ciclo como qualquer herói de tragédia, enterrado na própria terra, no Mayombe, que recebe aqueles que foram abatidos na luta revolucionária. “O Mayombe recuperaria o que os homens ousaram tirar-lhe” (PEPETELA, 2013, p. 244).

O desafio imposto aos homens pela floresta os coloca em proximidade com Ogum, deus africano, que protege todos aqueles que demonstram a coragem no combate. Ogum é comparado a Prometeu, titã, que contraria a vontade dos Deuses Olímpicos e entrega o fogo e a inteligência aos homens, como símbolo de uma nova era, de razão e liberdade. O *Comissário* compara o destino de *Sem Medo* ao de Ogum, o Prometeu africano, pois pelo desprendimento e desinteresse de suas ações, luta bravamente para trazer a liberdade aos homens, indiferente das consequências.

Não tenho propriamente medo da morte, assim, a frio. Tenho medo é de me amedrontar quando vir que vou morrer, e perder o respeito por mim próprio. Deve ser horrível morrer com a sensação que os últimos instantes de vida destruíram toda a ideia que se tem de si próprio, toda a ideia que se levou uma vida inteira a forjar de si próprio (PEPETELA, 2013, p. 45).

Ainda, Pepetela concebe a língua portuguesa como língua nacional angolana: “Deixa lá o teu umbundo – cortou Sem Medo. – Ou lhe dás um nome na língua dele, ou em português, que é de todos” (PEPETELA, 2013, p. 69). Contudo veicula a variedade angolana do Português em todo o espaço lusófono, sem qualquer adaptação. Verifica-se, no romance, a presença de gírias, expressões e termos utilizados naquele contexto. Vejamos:

Os guerrilheiros dispersaram para avançar. A serra mecânica – abelha furando um morro de salalé – continuava a sua tarefa. Havia o mecânico, que acionava a serra, e o ajudante, com a lata de gasolina e de óleo; mais atrás, quatro operários com machados. Todos tão embebidos na tarefa que não repararam nas sombras furtivas. Nem protestaram, quando viram os canos das pépéchás virados para eles. Os olhos abriram-se, o imenso branco dos olhos comendo a cara toda, a boca aberta num grito que não ousou sair e ficou vibrando interiormente (PEPETELA, 2013, p. 28)<sup>8</sup>.

Pelo exposto, consideramos essa obra altamente pedagógica, pela forma com que nela se explicitam as relações existentes entre os combatentes, seja pela *diversidade* de ordem linguística, etnicossocial, do saber (intelectual) ou até mesmo da religião e pela *unidade*, modo com que se reforça a qualidade do momento de mobilização nacional, em que todos lutam pelo mesmo objetivo.

Enfim, um romance que proporciona às novas gerações entender a atuação militante, para melhor compreensão dos fenômenos que se passaram durante esse processo de luta pela libertação nacional de Angola, como também o *mundo lusófono*, pautado “no espaço enunciativo da diversidade, das diferentes feições que o português foi assumindo nos diferentes países em que é falado”, contudo tal diversidade remonta a uma *unidade*, ou seja, ao espaço dos iguais, daqueles que têm “uma origem em comum” (FIORIN, 2006, p. 45).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, atentamo-nos para a Lei 10.639/03-MEC, que determina a inclusão do Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no currículo escolar da Educação Básica, em razão de que esse tema se afigura importante e necessário para a valorização da identidade negra como elemento básico na construção da sociedade brasileira.

<sup>8</sup> Salalé corresponde a um “tipo de formiga cujos formigueiros se elevam como montículos de barro; cupim, aleluia, sililuia, siriruia” e pépéchá significa “pistola-metralhadora de origem soviética” (PEPETELA, 2013, p. 251).

Como vimos, Pepetela é um dos romancistas mais conceituados da literatura angolana. Em *Mayombe*, o escritor, respaldado pela memória, consegue relacionar literatura e a história do país, representando ficcionalmente o contexto imediato que o país vivia, a guerra de libertação colonial – da qual participa diretamente como combatente do MPLA – e utilizando-se de personagens na narrativa que, muitas das vezes, confundem-se com pessoas reais, os militantes que lutaram por uma Angola independente e que morreram por seus ideais revolucionários.

Consideramos essa produção literária de Pepetela, apesar de ser um romance, também um documento histórico-social, uma vez que coloca o leitor em contato com a guerra vista *de dentro*, fornecendo caminhos para a melhor compreensão do contexto sob a qual foi escrita. Por fim, esperamos que professores e alunos se sintam convidados à leitura dessa obra, que se encontra entre as mais significativas no conjunto das literaturas africanas dos países de língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília/ DF, out., 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em 23 mai. 2019.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995, p. 235-263.
- FARACO, C. A. *Português: Língua e Cultura – Ensino Médio*. Curitiba: Base Editora, 2003.
- FIORIN, J. L. A lusofonia como espaço linguístico. In: BASTOS, N. (Org.). *Língua Portuguesa: reflexões lusófonas*. São Paulo: Ed. PUC, 2006, p. 25-48.
- FREYRE, G. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- MARCON, F. N. *Leituras Transatlânticas: Diálogos sobre identidade e o romance de Pepetela*. 2005. 275f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.
- MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- PEPETELA. *Mayombe*. Rio de Janeiro: Leya, 2013.
- SERRANO, C. O romance como documento social: o caso de Mayombe. *Revista Via Atlântica*, São Paulo: USP/FFLCH/Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. n. 3, dez. 1999, p. 132-139. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49013/53091>>. Acesso em 25 mai. 2019.
- SILVA, M. Angola e sua literatura: uma introdução à prosa de ficção angolana lusófona. *Revista Intertexto*. Uberaba, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, v. 3, n. 2, p. 5-24, jul./dez., 2010.
- SILVA, C. R. Literatura e História Africanas: Implicações para a Formação de Professores, no Contexto da Lei 10.639/03. *Revista das Faculdades Integradas Claretianas*, n. 5, jan./dez., 2012, p. 120-130.
- SILVA, R. V. da R. e; MATTOS, T. R. de. Mayombe: presença da guerra, perspectiva histórica e memória na construção do romance. *Cerrados - Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura*, Brasília, v. 24, n. 40, p. 289-302, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/18876/13457>>. Acesso em: 23 mai. 2019.